

Título: 100 Histórias à janela
Texto: © 2010, António Torrado
Ilustração: © 2010, Cristina Malaquias
© 2010, Edições ASA II, S.A. – Portugal

ISBN 9789892311357
Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Telef.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
edicoes@asa.pt
www.asa.pt
www.leya.com

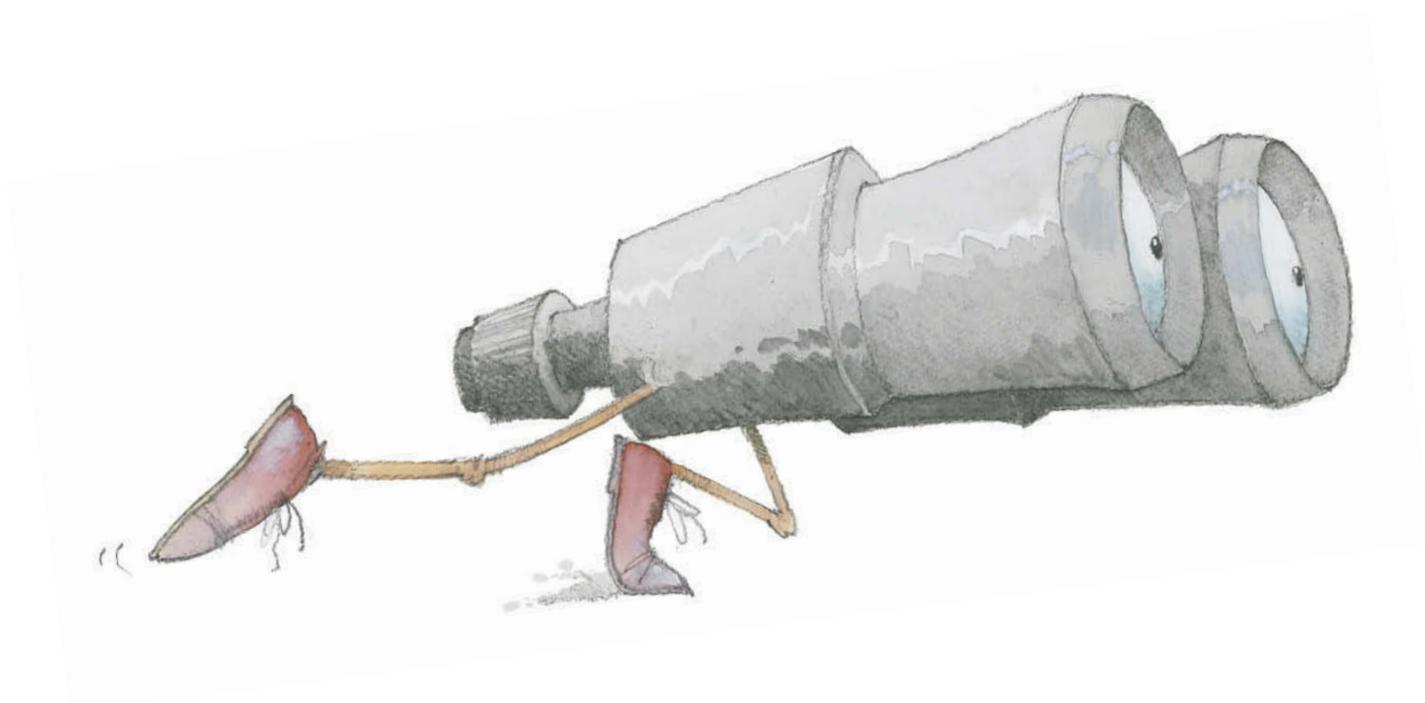
António Torrado

100

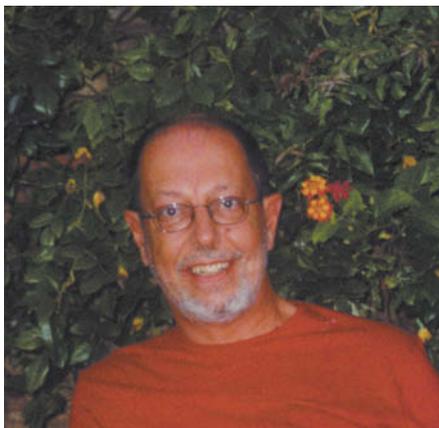
Histórias à janela

Histórias estaladiças, melhores do que batatas fritas

Ilustrações de Cristina Malaquias



ASA



António Torrado

Nasceu em Lisboa (1939), mas com raízes familiares na Beira Baixa.

Poeta, ficcionista, dramaturgo, autor de obras de pedagogia e de investigação pediográfica, é por excelência um contador de histórias, estando muitos dos seus livros e contos traduzidos em várias línguas. Foi jornalista, editor, professor, produtor principal e chefe do Departamento de Programas Infantis da RTP.

A sua bibliografia regista actualmente mais de 120 títulos, onde sobressai a produção literária para crianças, contemplada, em 1988, com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças. Livros seus foram, em 1974 e 1996, incluídos na Lista de Honra do IBBY – International Board on Books for Young People.

Segundo o crítico e investigador José António Gomes, "Torrado impôs-se como uma das figuras de maior relevo da nossa literatura do pós-25 de Abril e dificilmente se encontrará hoje um autor que, de forma tão equilibrada, saiba dosear em livro o humor, a crítica e os sinais de um profundo conhecimento do imaginário infantil."

Também as pequenas histórias merecem grandes livros

Estava eu à janela e iam as histórias pela rua... Não. Não. E não! Foi ao contrário. Ia eu pela rua e estavam as histórias à janela.

– *Psst, psst*, ó escritor. Quer contar-nos?

Fiz de conta que não as ouvia. Elas, as janelleiras, muito desafiadoras, muito risonhas, insistiram:

– Vá lá, senhor escritor, não se arme em difícil. Conte-nos como muito bem sabe.

Então eu, puxado a brios, espetei o dedo para elas e comecei a contar.

– Uma, duas, três, quatro, cinco... – Até noventa e nove. – Para a conta certa falta uma – disse eu, desolado.

– Porque não contou comigo – esganiçou-se uma história pequenina, debruçada do alto de uma mansarda.

– Não és uma grande história – comentei eu.

Ela protestou:

– Também as pequenas histórias merecem grandes livros.

Eu concordei.

– Lembreste-me o que dizia um escritor: “Também os pequenos jardins merecem grandes luas”.

– Quem era esse? – perguntaram as histórias da janela.

– Rilke. Rainer Maria Rilke, um grande, um enorme escritor – respondi.

– E tu, meu pequenote, a fazeres-te rogado... – disseram elas, muito trocistas. – Deixa-te de histórias e conta-nos como deve ser.

Eu contei-as de novo. Cem, sem dúvida. E aí está como um escritor, que grande não será, merece escrever um grande livro, para que os pequenos e grandes leitores o leiam.

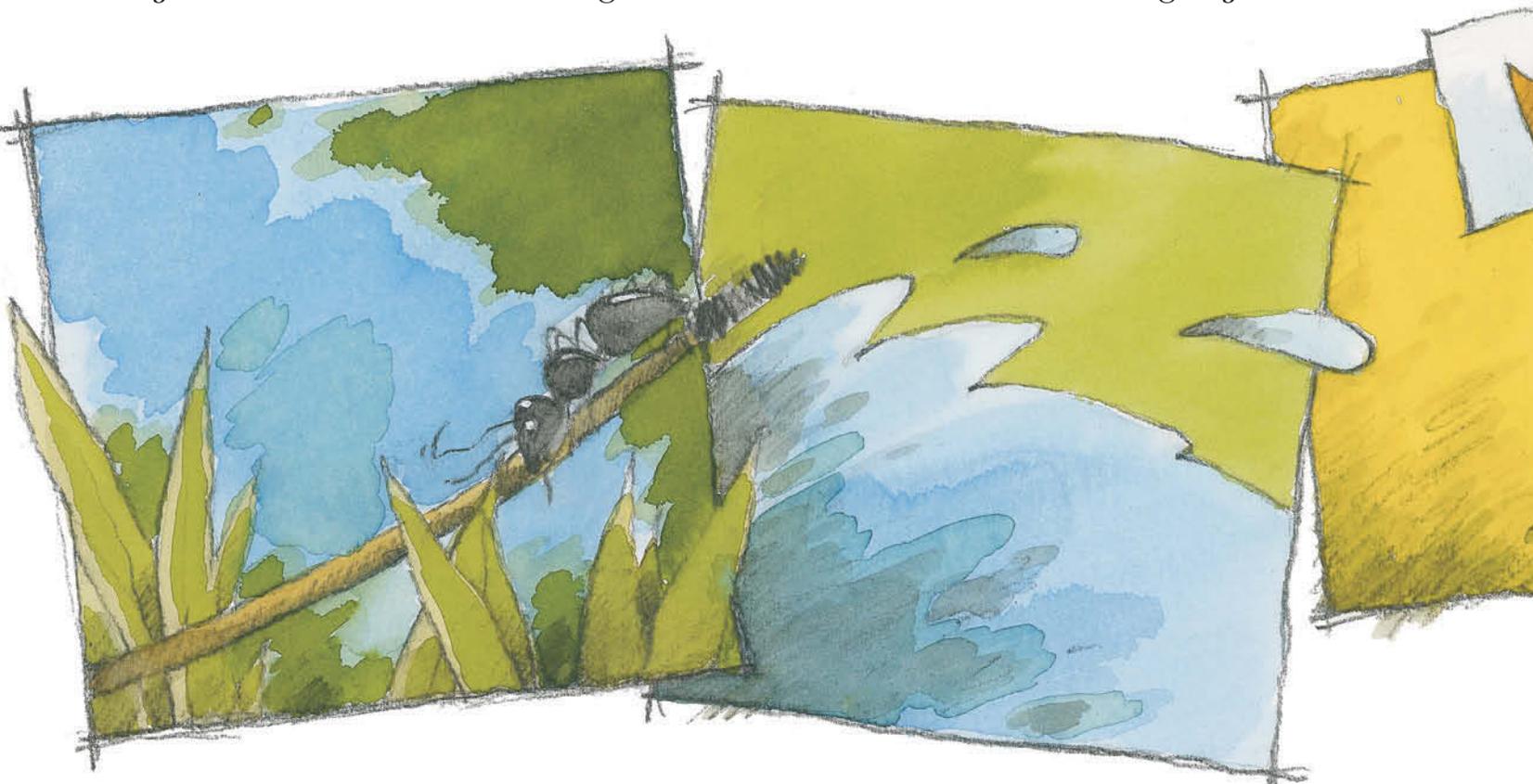
O pau de fósforo

Era uma vez um fósforo, um pau de fósforo – vejam bem como com tão pouco se começa uma história.

O pau de fósforo perdera a cabeça num fogaréu – história antiga, dolorosa, que nem convém lembrar – e estava ali, que nem para palito servia.

– Não presto para nada – suspirava, muito desconsoladamente, o pau de fósforo.

– Quem tal disse? – admirou-se um senhor muito optimista, muito optimista, muito optimista. – Você pode ser aproveitado, como obra de engenharia, para ajudar um carreiro de formigas a vencer um riacho... de formigas, já se vê.



– Que disparate! – contrapôs outro senhor, muito pessimista, muito pessimista, muito pessimista. – Passa um pé por perto, salta a ponte de pau e afogam-se as formigas... Uma desgraça!

– Ou para servir de pau de bandeira a um soldadinho de brincar – propôs o senhor muito optimista, muito optimista, muito optimista.

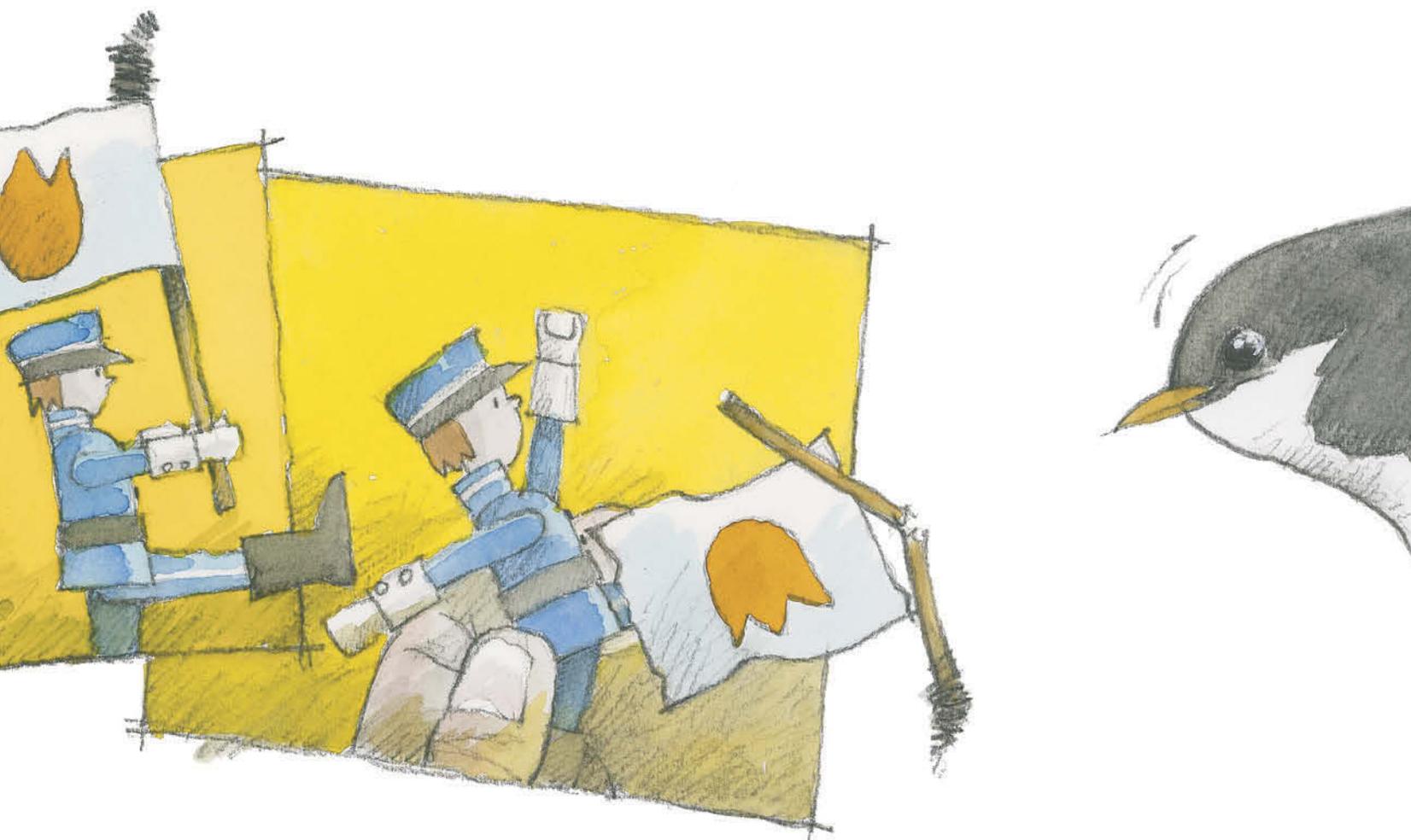
– Que tolice! – resmungou o senhor muito pessimista, muito pessimista, muito pessimista. – Partia-se logo. As crianças são umas desastradas.

– Ou para amparar o rebento de uma plantinha – sugeriu o senhor muito otimista, muito otimista, muito otimista.

– Que absurdo! – soprou, furioso, o senhor muito pessimista, muito pessimista, muito pessimista. – Vinha uma rabanada de vento e voava tudo!

O pau de fósforo, de cabeça perdida, não sabia por qual se guiar. Pelo otimista? Pelo pessimista? Valia a pena oferecer-se à aventura? Ai, quanto custa decidir!

Neste entretanto, passou a rasar por ele uma andorinha. *Zás*. Em voo de reconhecimento...



Passou outra vez, em sentido contrário, e levou-o no bico. Estava a construir o ninho num beiral de telhado e aquele pauzinho vinha mesmo a calhar, entrelaçado com outros paus e ramos.

Tudo se aproveita, até um pau de fósforo. Que ninguém diga que não serve para nada.

Não havendo energia...

Era uma vez um aspirador que não aspirava. Tinha sido trazido para uma casa de campo, onde ainda não havia electricidade. Metido numa arrecadação cheia de pó, sentia-se um inútil.

Não era o único. Nas mesmas condições e lugar, estavam uma bateadeira que não batia, um frigorífico que não frigorificava, um aquecedor que não aquecia e uma ventoinha que não ventoinhava. Todos de braços caídos (maneira de dizer), desempregados por falta de energia.

Uma desolação.

Para entreterem os dias, gabavam-se das antigas glórias.

– Eu cheguei a fabricar de uma assentada setecentos e cinquenta cubos de gelo – disse o frigorífico.

Talvez fosse exagero, mas tinha desculpa. Há que tempos que não trabalhava, andava um bocado baralhado.

A bateadeira também celebrava, desproporcionadamente, os seus méritos.

– Numa festa, produzi cinquenta e quatro batidos de manga, quarenta e oito de ananás e cento e oitenta e cinco de morango. É o meu recorde.

Fosse ou não fosse, quem podia garanti-lo?

O aquecedor e a ventoinha também exaltavam os seus opostos dons, num estendal de autoelogios que parecia competição de vaidosos. Só o aspirador, mais modesto, não louvava os seus especiais predicados. Enchia-se de pó, o que muito o irritava por dentro, mas não se queixava por fora. Aliás, o temperamento dele era mais de guardar, de absorver. Compreende-se.

Até que, um dia, chegou a electricidade àquele pedaço de campo. Já não era sem tempo. Os donos da casa, que tinham trazido aqueles aparelhos eléctricos à espera de lhes darem utilidade, experimentaram-nos um por um. Todos trabalhavam, menos o aspirador.

– Escangalhou-se com a falta de uso – sentenciou o dono da casa. – Temos de comprar outro, de um modelo mais recente.



– Não terá arranjo? Talvez valesse a pena... – sugeriu a dona da casa.

Mas a sentença estava dada. O aspirador ia ser deitado para o lixo. Aí, os restantes aparelhos eléctricos, num acto colectivo de indignação e solidariedade para com o velho aspirador, também deixaram de trabalhar.

– O que é que se passa com a instalação eléctrica? – intrigou-se o dono da casa.

– Vamos ter de chamar um electricista – sugeriu a dona da casa.

Desta vez a sugestão foi atendida. Veio o profissional, que andou a indagar tomada a tomada, interruptores, caixas de derivação...

– Está tudo nos conformes – concluiu ele.

– Já que cá veio, o senhor podia ver se este aspirador ainda tem conserto – pediu a dona da casa, que era muito persistente nas suas ideias.

O electricista desatarraxou, procurou, puxou, conferiu... Afinal, era só uma resistência fora do sítio.

– Está como novo – disse o competente electricista, pondo o aspirador a aspirar que era um consolo ver.

Os outros aparelhos eléctricos por pouco não explodiam de alegria. Vá que se contiveram a tempo, senão teriam provocado um grave e talvez irremediável curto-circuito.

Todos agora se aplicam no trabalho, cheios de energia, dentro das suas respectivas habilitações. E, entre eles, o aspirador não aspira a mais nada senão, por muitos anos, continuar a aspirar.





Ele há cada nome...

Há nomes que nem inventados.

Mas são verdadeiros. Eu garanto, porque os coleciono e cato, um a um, pelas listas telefónicas do país.

A família Barriga, por exemplo, tão velha como Portugal. Já no tempo do nosso primeiro rei, o bravo D. Afonso Henriques, vivia, na província da Beira, um Martim de Barriga.

Que ninguém se admire. Se há tantos Costas, porque é que não há-de haver alguns Barrigas?

A família cresceu, espalhou-se e chegou aos nossos dias. Conheci, há tempos, uma senhora descendente do remoto beirão Martim de Barriga. Chama-se Maria das Dores; mais precisamente, Maria das Dores de Barriga, o que talvez lhe cause alguma indisposição.

E o caso do Dr. Pedro Branco, que se casou com uma senhora de apelido Feijão e tiveram um filho Feijão Branco?

Mais ou menos semelhante, e também verdadeiro, foi o caso, ou casamento, que uniu D. Maria José Coelho com o Engenheiro Manuel da Silva Guisado. O filho do casal chama-se Abel Coelho Guisado e não se importa.

Nem tem nada com que importar-se, porque, verdade verdadinha, há nomes muito mais esquisitos.

Contou-me a minha avó que um casal já com muitos filhos foi brindado com mais uma criança, um perfeito rapazinho que havia de se chamar...

- André – disse o pai.
- João – disse a mãe.
- João Pedro – disse o avô.
- João Maria – disse o outro avô.
- João Carlos – disse uma avó.
- João Manuel – disse a outra avó.

Não se entenderam.

Quando, na cerimónia do baptizado, foi preciso assentar o nome do bebé no livro dos registos, ainda a família não tinha chegado a uma decisão. Até que a mãe, para safar a encrenca, ditou ao sacristão, que estava de caneta suspensa sobre o livro dos registos:

– Olhe, senhor sacristão, o nome do meu filho fica João, até ver. E Martins...
E o obediente sacristão escreveu assim o nome do rapaz:

João Até Ver e Martins

Mas ele, para o resto da vida, ficou só conhecido pelo João Até Ver.

– Pouco importa – concluía a minha avó, que esta história me contou. – O que vale é que cada um seja conhecido pelo que de bom fizer. Se for pelo que de mal fizer, então, sim, já terá razão para se envergonhar do nome.

Grandes verdades ensinava a minha avó, de nome Olívia Torrado, que, todos concordarão, não é um nome assim muito vulgar...





Duas gaivotas

Esta história passou-se na praia. Uma praia deserta do princípio do Outono. Era uma vez uma gaivota de penas e asas que se pôs à conversa com uma gaivota de pedais, dessas de levar os banhistas para fora de pé.

- Tens filhos? – perguntou a gaivota de asas à de pedais.
- Não, não tenho – respondeu esta.
- Pões ovos? – quis saber a gaivota de asas.
- Não, não ponho – respondeu a de pedais.
- Então, porque é que te chamas gaivota? – estranhou a de penas.

Mas a pergunta ficou sem resposta. É que se levantou uma ventania vinda do mar que agitou as águas. Começara a época das marés vivas.

Ondas vivas e mais ondas sobraram para a praia, que inesperadamente ficou inundada, pondo em risco as gaivotas de pedais, presas umas às outras por uma corrente, que uma grossa estaca segurava. Entre elas, a gaivota da nossa história.

As outras gaivotas, as de asas, voaram para o abrigo das rochas. Entre elas, a outra gaivota da nossa história.

Mas, do seu esconderijo, preocupada com a sorte da gaivota de pedais, a ave ficou de sentinela. Socorrê-la não podia, não estava nas suas forças.

Apertava-lhe o coração o pressentimento do que podia acontecer. Se a maré subisse e o mar batesse com força, as